

## REQUERIMENTO DE CRIAÇÃO DE COMISSÃO EXTERNA TEMPORÁRIA

(Da Bancada do PSOL)

Requer a constituição de Comissão Externa para acompanhar os graves desdobramentos decorrentes da ação da Polícia Militar que deixou, até o momento, nove mortos no bairro de Paraisópolis, São Paulo, na madrugada do dia 1º de dezembro de 2019.

Senhor Presidente,

Nos termos do art. 38 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, requero a V. Ex<sup>a</sup>. a constituição de Comissão Externa com a finalidade de acompanhar os graves desdobramentos decorrentes da ação da Polícia Militar que deixou, até o momento, nove mortos, além de feridos, no bairro de Paraisópolis, São Paulo, na madrugada do dia 1º de dezembro de 2019.

### Justificação

Uma ação coordenada pela Polícia Militar do Estado de São Paulo culminou na morte, até o momento, de nove pessoas na madrugada do domingo (01/12/19), na comunidade de Paraisópolis, na zona sul da capital paulista.

O crime aconteceu em um evento que reunia mais de 5 mil pessoas. Segundo imagens e relatos, pode-se observar que a operação policial não seguiu protocolos de abordagens em locais com multidões. O atual Manual de Controle de Distúrbio Civil, que contém os protocolos de ação policial quando há multidão, são classificados como sigilosos pela PM, porém, o manual de 1997, disponível na internet, estabelece que “o objetivo principal da tropa” é a “dispersão da multidão, não sua

detenção ou confinamento”. Para isso, é necessário deixar rotas de fugas desobstruídas<sup>1</sup>, o oposto do ocorrido. Segundo testemunhas e imagens amplamente divulgadas em redes sociais, a polícia teria fechado as duas entradas da rua (via principal) onde o baile acontece. Vídeos mostram que viaturas bloqueavam a passagem, o que gerou pânico e confusão. Ao menos nove pessoas morreram, segundo a Polícia Civil. Outras 12 foram hospitalizadas com ferimentos, alguns graves.

Importante destacar, que não se trata de uma tragédia isolada. Há aproximadamente um ano, uma outra intervenção da Polícia Militar do Estado de São Paulo<sup>2</sup> em um pancadão no bairro dos Pimentas em Guarulhos levou a correria e outras 3 vítimas mortas por pisoteamento.

Ariel de Castro Alves, advogado e conselheiro do Conselho Estadual de Direitos Humanos (Condepe) destacou que *“foi uma ação desastrosa da Polícia Militar, porque gerou tumulto e morte. Os vídeos mostram torturas, abusos e que os jovens foram encurralados. Demonstram que os PMs são os principais responsáveis pela tragédia. A polícia precisa estar preparada para atuar em situações como essa”*, disse

A comunidade de Paraisópolis tem mais de 100 mil habitantes, 21 mil domicílios em uma área de 10 km<sup>2</sup> na Zona Sul de São Paulo. Cerca de 31% da população é composta por jovens com idade entre 15 e 29 anos, portanto mais vulneráveis à carência de emprego e oportunidades. A renda média de 87% dos/das chefes de família é de até 3 salários mínimos<sup>3</sup>. É considerada a segunda maior comunidade de São Paulo. Apesar de possuir equipamentos públicos, a região ainda é extremamente carente de mais ações sociais e infraestrutura urbana. Em nota divulgada após o ocorrido no baile funk, a União de Moradores de Paraisópolis afirmou: *“Não foi acidente! Jovens de toda a cidade há anos vêm curtir o baile da D17, e encontram na comunidade que sofre com a ausência de oportunidades culturais e de lazer uma oportunidade para estar com amigos e se divertir”*.

No comunicado, a entidade também destaca que, com frequência, *“ocorrem ações policiais de dispersão, causando correria e violência, como mostram os vídeos. Essa madrugada, jovens foram encurralados em becos e vielas e foram levados a caminho da morte, e quem deveria proteger está*

---

<sup>1</sup> Manual de Operações de Choque. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/BlackBlocRJ/manual-de-operaes-de-choque> [acessado em 02/12/19].

<sup>2</sup> . G1. Tumulto em baile funk termina com 3 mortes em Guarulhos. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/11/19/tumulto-em-baile-funk-termina-com-3-mortos-em-guarulhos-video-mostra-confusao.ghtml>

<sup>3</sup> G1. Paraisópolis é a 2ª maior comunidade de São Paulo e moradores pedem ações sociais há pelos menos 10 anos. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/12/01/paraisopolis-e-a-2a-maior-comunidade-de-sao-paulo-e-moradores-pedem-aco-es-sociais-ha-pelos-menos-10-anos.ghtml> [Acesso em 02/12/19].

*gerando mais violência*".

Na ocasião, o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), afirmou que a “política de segurança pública não vai mudar” e que “a letalidade não foi provocada pela PM”. Não se pode aceitar, em hipótese alguma, que tais afirmações sejam feitas antes da conclusão e apuração dos fatos ocorridos, um dos motivos pelo qual consideramos fundamental a constituição de Comissão Externa com a finalidade de acompanhar os graves desdobramentos decorrentes desta ação. É importante ressaltar que policiais são responsáveis por 1 a cada 3 mortes violentas na cidade de São Paulo. Ao todo, foram 581 mortes violentas entre janeiro de junho de 2019<sup>4</sup>.

Não podemos permitir que perseguições sofridas por ritmos e manifestações surgidas dentro da comunidade negra, como o samba, a capoeira e o rap voltem a ocorrer no país. Assim como o funk, existem outras manifestações culturais que foram perseguidas por serem ligadas a negros, pobres e moradores das nossas periferias. Sambistas já foram associados à “vadiagem”, foram chamados de vagabundos e muitos foram presos. De acordo com o professor de Direito Penal da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Reinaldo Santos de Almeida, “a criminalização do funk é a forma moderna de repressão penal da cultura popular marginal”.

No século passado, o sambista João da Baiana (1887-1974), por exemplo, precisou de ajuda de um congressista para não ser mais preso nas ruas. O senador José Gomes Pinheiro da Fonseca (1851-1915), fã de samba, escreveu uma dedicatória no pandeiro de João. Quando era parado pela polícia, o músico mostrava o instrumento com a assinatura. Funcionava como um salvo-conduto<sup>5</sup>.

Assim como o samba, a capoeira é hoje um dos símbolos da cultura brasileira. Nos séculos 19 e 20, no entanto, ela também era crime. Antes da Lei Áurea, de 1888, o medo dos governantes era de que a dança, misturada à luta, pudesse levar a uma revolta de escravos. Mesmo depois da Lei Áurea, a luta continuou proibida. O Código Penal de 1890 avisava da possível punição: "Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação de capoeiragem: pena de prisão celular por dois a seis meses".

Em nota, a Associação Brasileira de Juristas pela Democracia afirma que “a criminalização das pessoas que convivem nas regiões periféricas e daquelas que frequentam os bailes funk, a partir da formação de um estereótipo criminoso, resulta em ações violentas e repressivas por parte do Estado

<sup>4</sup> Instituto Sou da Paz.

<sup>5</sup> BBC Brasil. Projeto de lei de criminalização do funk repete história do samba, da capoeira e do rap. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40598774> [acessado em 02/12/19].

e vitimiza a população que segue sendo exterminada por quem deveria garantir a sua proteção”.

Manifestamos, ainda, total solidariedade aos familiares e amigos das vítimas de Paraisópolis, exigindo que o Governo do Estado de São Paulo adote imediata providência em relação aos responsáveis pelo trágico ocorrido. Por isso, é fundamental que o Congresso Nacional, no seu dever de fiscalização e proteção dos direitos e garantias constitucionais, aprove o presente requerimento e acompanhe as investigações in loco sobre o caso.

Sala das Comissões, 03 de dezembro de 2019

**Sâmia Bomfim**

PSOL/SP

**Ivan Valente**

Líder do PSOL

**Luiza Erundina**

PSOL/SP

**Áurea Carolina**

PSOL/MG



CÂMARA DOS DEPUTADOS  
Liderança do Partido Socialismo e Liberdade

**David Miranda**

PSOL/RJ

**Edmilson Rodrigues**

PSOL/PA

**Fernanda Melchionna**

Primeira Vice-Líder do PSOL

**Glauber Braga**

PSOL/RJ

**Marcelo Freixo**

PSOL/RJ

**Talíria Petrone**

PSOL/RJ